



eHealthsummit.pt

Discurso de Encerramento | 2 de junho, 2021

Começo com uma confissão: ao longo destes dois dias falámos da importância da tecnologia e do digital. No entanto, a verdade é que ao ter estado neste palco ontem e agora, sinto como é bom podermos voltar a realizar estes eventos em formato também presencial – mesmo se ainda limitado - e podermos voltar a ver-nos e sentir-nos em 3D, como alguém dizia no outro dia.

Mas nada disto retira a importância ao digital e às novas tecnologias. Não há uma batalha entre analógico e digital. Não é um ou o outro. Serão sempre os dois, até porque pelo menos num futuro que não seja de ficção científica, cada um de nós continuará a ser basicamente analógico.

Se é devido à tecnologia e inovação que pudemos estar estes dois dias aqui neste formato, também é por causa da tecnologia e inovação que demos respostas fulcrais à pandemia, em vários aspetos.

Logo de imediato, podemos pensar na vacinação: é nada menos que espantoso pensarmos que, desde o primeiro caso em Portugal de COVID-19, em março, até à primeira pessoa vacinada, em dezembro de 2020, passaram menos de 9 meses. Nada disto seria possível sem a tecnologia necessária para trabalharmos os dados, partilharmos a informação e desenvolver vacinas eficazes e seguras num tempo absolutamente recorde.

Mas não chega a existência de vacinas. Precisamos de sistemas robustos que garantam que mais de meio milhão de vacinas são administradas semanalmente nas pessoas certas; que todas as entregas são monitorizadas em tempo real em mais de 300 pontos de entrega, para garantirmos que qualquer incidente é resolvido na hora; que todas as vacinas são registadas e que rapidamente, apenas olhando para um ecrã,



conseguimos saber quantas e que vacinas foram administradas, em qualquer ponto de Portugal continental.

A importância da tecnologia e dos sistemas de informação não se esgota na vacinação, tal como também já foi dito neste palco. Pensemos, por exemplo, na sequenciação de novas estirpes e na partilha desse conhecimento já não a nível nacional, mas a nível mundial.

Ou na telessaúde, também aqui amplamente debatida. Ouvimos a senhora ministra da Saúde dizer ontem que passámos de 15 mil teleconsultas no SNS, em abril de 2020, para mais de 138 mil no mesmo mês deste ano. São mais de 138 mil consultas que provavelmente não teriam de acontecer presencialmente e que foram realizadas de uma forma mais segura e confortável para todos.

Reitero assim uma frase de Winston Churchill que disse aqui ontem: “nunca se deve desperdiçar uma crise”. Porque em cima de todas as coisas péssimas que esta pandemia nos trouxe, temos a certeza de estar mais fortes, com um SNS mais resiliente. Um SNS que aprendeu num contexto de emergência – *um learning on the job* – e soube responder. Um SNS que, me atrevo a dizer, só soube responder pela imensidão de trabalho e dedicação de anos, de décadas, de espantosos profissionais, de saúde, e de todas as outras áreas – como esta, a tecnológica, esta, a vossa, esta, a da SPMS - que fazem, todos os dias, o nosso Serviço Nacional de Saúde. O sucesso da vacinação, ou da telessaúde, não surgiram agora do nada, de um qualquer *deus ex machina*. Surgiram de anos do vosso trabalho e da vossa dedicação. Surgiram porque foram construídas, se me permitem dizê-lo, sobre os ombros de gigantes.

Esta conferência não é, assim, sobre o futuro. É sobre o agora. Quando falamos de tecnologia, de informação, de ehealth, estamos a falar do agora. Do que nos permite estar mais bem informados e servir melhor os cidadãos. Do que nos permite estar mais próximos de todas as pessoas, dando mais acesso, reduzindo as desigualdades que persistem ou se agravaram com esta crise.

Porque, no final, é sempre de pessoas – analógicas, aliás – que falamos. Há fundamento no risco de desumanização pela tecnologia? Claro que sim. Mas também há o outro lado da moeda: foi a tecnologia que permitiu a idosos que não podiam sair dos lares manter uma ligação às suas pessoas. Acredito, mesmo, que a segurança não



pode implicar consequências que, em alguns casos, poderão ter sido mais duras do que a morte.

A tecnologia apenas faz sentido se for para servir as pessoas. E isso só se faz de forma inclusiva, reduzindo diferenças de acesso, sejam estas materiais, geográficas ou de literacia. É para isso que trabalhamos e é para isso que vamos continuar a trabalhar. De forma mais tecnológica, de forma mais digital e também, necessariamente, mais humana, mais próxima, mais igual e mais inclusiva. E, como tal, mais livre.

Para terminar, queria agradecer à SPMS o trabalho fantástico que fizeram na organização desta conferência. E, se me permitem, gostaria de marcar já o encontro para a próxima edição.

Até para o ano e muito obrigado a todos!